



A era digital em que vivemos: A contribuição de alguns autores para as teorias da comunicação.¹

Josiele SOEIRO²

Kalynka CRUZ³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO: Este trabalho apresenta um breve panorama sobre os olhares de alguns autores e pensadores da comunicação trazendo conceitos da pós-modernidade e suas nuances como cultura midiática, cibercultura e ciberespaço e como a sociedade se organiza.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; Cultura Midiática; Cibercultura; Ciberespaço

Para entender Cultura Midiática.

Para explicar sobre Cultura Midiática Lucia Santaella nos fala primeiro das transformações sofridas pela cultura no século XX. Antes desse tempo o conceito de cultura estava dividido em dois tipos: Cultura erudita e cultura popular. A partir da explosão dos meios de reprodução das industriais, seguida da eficiência sempre presente dos meios eletrônicos de difusão, se forma a cultura de massas. Essa cultura absorve os dois tipos de cultura, até então existentes, e desfaz as fronteiras que antes havia entre elas. O resultado disso se viu quando o tradicional e o moderno, por exemplo, misturam-se em tecidos híbridos e voláteis característicos das culturas urbanas.

Os meios de comunicação cresceram e com eles as dificuldades para se distingui o erudito e o popular. Isso se intensifica nos anos 80 quando surgem novas formas de consumo cultural, graças às tecnologias do disponível e do descartável. Paralelamente a isso, aumenta a tendência para os trânsitos e hibridismos dos meios de comunicação entre si, criando redes de complementaridades que Lucia Santaella chamou de *Cultura das Mídias*. Para a autora esses trânsitos se tornaram tão fluidos que não se interrompem

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPA, email: josiele.soeiro@ufpa.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPA, email: kalynka@ufpa.br



dentro da esfera específica dos meios de massa e sim avançam pelas camadas culturais antes chamadas eruditas e populares.

“... as mídias tendem a se engendarem como redes que se interligam e nas quais cada mídia particular- livro, jornal, TV, rádio, revista, etc. – tem uma função que lhe é específica. É a cultura como um todo que a cultura das mídias tende a colocar em movimento, acelerando o tráfego entre suas múltiplas formas, níveis, setores, tempos e espaços.” (SANTAELLA, 2003 p.53)

A partir da revolução industrial ficou cada vez mais complicado determinar as formas, os códigos e os gêneros da cultura. O surgimento dos meios técnicos de produção cultural e a crise dos sistemas de codificações artísticas efetuados pela arte moderna dissolveram os limites entre arte e não arte.

Porém os meios de massa não levaram as formas, mais tradicionais de cultura ao desaparecimento e sim provocaram recomposições nos cenários sociais e até mesmo no modo de produção dessas formas de cultura, borrando suas fronteiras, mas não apagando sua existência. Eles se tornaram seus aliados.

“Longe de terem usurpado o lugar social dessas formas de cultura, os meios de comunicação foram constantemente se transformando em seus aliados mais íntimos. Isso se dá porque, na produção cultural, os meios de comunicação também desempenham a importante função de meios de difusão”. (SANTAELLA, 2003, p.57)

A minha geração de 90 foi alfabetizada pela televisão aberta. Conhecemos primeiro a cópia depois os originais, talvez, muitos de nós nunca vamos conhecer os originais. Lembro-me que conheci o famoso quadro de Leonardo da Vinci, Mona Lisa del Giocondo, quer dizer conheci sua caricatura em um desenho animado. O que significava? Não lembro de saber, mas lembro de ser algo importante e valioso para um dos personagens que eu era fã. Mais tarde, em alguma aula me apresentaram a Mona Lisa e seu autor na escola, desta vez em cópia, claro. Essa é apenas um dos milhares de exemplos, de como estes meios técnicos de reprodução dissolvem os limites de arte ou não arte, e ao mesmo tempo perpetuam obras clássicas da cultura erudita.

A dinâmica da cultura midiática se mostra como uma dinâmica de aceleração do tráfego, das trocas e misturas entre múltiplas formas, estratos, tempos e espaços de cultura. A cultura midiática é tomada, muitas vezes como figura exemplar da cultura pós-moderna.



Diante da pós-modernidade, globalização e revolução digital Santaella nos mostra que a cultura midiática gera o cruzamento das identidades, pois propicia a circulação mais fluida e as articulações mais complexas dos gêneros e formas de cultura. Além dos cenários culturais midiáticos pós-modernos se reorganizarem eles começaram a conviver com uma revolução da informação e da comunicação cada vez mais onipresente que vem sendo chamada de revolução digital. Ainda segundo a autora todas as mídias podem ser manipuladas, traduzidas, armazenadas, reproduzidas e distribuídas digitalmente produzindo um fenômeno chamado por ela de convergência das mídias.

A globalização só é possível graças ao poder das tecnologias comunicacionais. Podemos observar que vivemos numa revolução da informação e da comunicação sem igual, que vem sendo chamada por muitos de revolução digital. Uma característica marcante desta era está no poder de tratar toda informação com uma mesma linguagem universal, o que Lucia Santaella chama de “uma espécie de esperanto das máquinas”.

Ciberespaço e os tecnos conceitos.

Outro conceito importante dentro deste contexto é o ciberespaço. Um fenômeno complexo que não pode ser descrito a partir do ponto de vista de qualquer mídia prévia. Nele, a comunicação tende a ser interativa, convergente, global, planetária e até agora não há noção de como esse espaço poderá vir a ser regulamentado.

Na obra de Fábio Duarte podemos encontrar uma análise das obras de McLuhan, importante pensador sobre os meios de comunicação no século XX. É mostrado como a história e os pensamentos se transformaram em relação direta com o desenvolvimento tecnológico. O autor aponta os meios como às extensões e potencializações de nossos sentidos. Por exemplo, segundo o pensamento de McLuhan a caneta é a extensão do dedo, o computador é a extensão do cérebro, a roda é a extensão dos nossos pés. Mas, os meios não são objetos que reproduzem sempre de modo similar as partes do nosso corpo. O ser humano sempre criou meios com os quais interagem com o mundo. Entra aí a definição da técnica como sendo a conjunção de meios de extensão do homem manipulados com fins específicos, podemos notar então que há uma relação direta entre o objeto e o seu uso. Mas, no início do século XIX o mundo passou por uma transformação radical, pois foram criados instrumentos que trabalhavam por si mesmos, que substituíam as funções humanas.



Depois de uma geração de máquinas que reproduzem os objetos técnicos e seus movimentos, os seres humanos depuram suas invenções e criam máquinas que tomam apenas o princípio da técnica, sem reproduzi-la. Observamos então, que a técnica é a conjunção de objetos com o conhecimento de sua manipulação para que se atinjam determinados fins, enquanto a tecnologia é composta de instrumentos que trazem em si o modo de atingir esses objetivos. O processo de manipulação da informação acompanha todo o desenvolvimento intelectual humano. Uma vantagem sobre os meios digitais é que na maioria das vezes, por meio dos meios analógicos tínhamos acesso aos produtos finais de um processo de comunicação.

Pensadores de outras áreas também contribuem muito para fortalecer a interdisciplinaridade da comunicação. É o que nós mostra Fábio Duarte quando cita o psicólogo norte-americano e tecnopata Larry Rosen. Larry nomeia o estresse causado pelo mundo tecnológico como *tecnostresse*. Podemos identificar este conceito quando sentimos ansiedade pela instantaneidade da tecnologia: Quando a conexão com a internet cai, por exemplo. Outros conceitos trazidos a nós são *tecnoalararmismo* e *tecnoingenuidade* apresentados pelo psicólogo na obra de Fábio Duarte.

Cibercultura, e Ciberespaço formando uma nova estrutura social.

Outro autor que vem cooperar com nossos estudos sobre a era digital em que vivemos é André Lemos que em uma de suas obras vem discorrer sobre Cibercultura e mobilidade. Nela o autor aponta algumas transformações sofridas pela sociedade da informação no início da fase da conexão sem fio, na era da conexão. Tornou-se notório o potencial de inclusão digital e de participação social na cibercultura, pois estamos efetivamente entrando na era da conexão móvel. Depois do Computador Pessoal estamos presenciando a emergência dos computadores coletivos móveis. Novas práticas e usos da internet. A internet fixa mostrou seu potencial agregador de tecnologias da comunicação e a internet móvel está aproximando o homem do desejo de ubiquidade fazendo surgir uma cultura telemática, com novas formas de consumo de informações e com novas práticas de sociabilidade.

A revolução do acesso a internet sem fio, o WI-FI, mostra como as relações sociais e as formas de uso da internet podem mudar quando a rede passa de um “ponto de acesso” que coloca o usuário em seu centro. “Se o usuário ia à rede de forma fixa, na era da conexão e das *smartmobs*, hoje é a rede que vai até o usuário.” (André Lemos 2003).



Na era da conexão foi criado um ambiente de acesso e troca de informações que envolvem usuários. Observamos a emergência da conexão na era e da relação cada vez mais intrínseca entre os espaços físicos da cidade e do espaço virtual das redes telemáticas. O desafio da gestão informacional, comunicacional e urbanística das cidades passa pelo reconhecimento dessa era da conexão e da mobilidade.

Em outra obra Santaella nos lança no Ciberespaço falando de cognição, leitores, percepção e sistemas de hipermídias. Ela adota uma tipologia para diferenciar os processos de leitura, base os tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão envolvidas no ato de ler. Segundo suas pesquisas existem três tipos de leitores: O Contemplativo, o Movente e o Imersivo. O leitor contemplativo, mediativo da idade pré-industrial, o leitor da era do livro impresso e da imagem expositiva. Esse tipo de leitor nasce no Renascimento e perdura hegemonicamente até meados do século XIX. Este leitor pode voltar às páginas repetidas vezes e adota a leitura como contemplação e meditação de um leitor solitário. Este é aquele leitor que tem diante de si objetos e signos duráveis imóveis localizáveis manuseáveis como livros, pinturas. Esse leitor não sofre com as urgências do tempo.

Na paisagem volátil da cidade onde surge a publicidade e a grande oferta de produtos em lojas, momento em que a cidade começou a ser povoada por imagens, graças a reprodutibilidade técnica surge o segundo leitor. Leitor do mundo em movimento, dinâmico, híbrido, de misturas signícas. Este segundo tipo é filho da revolução Industrial e do aparecimento de grandes centros urbanos, o homem da multidão.

Nascido durante a explosão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema e mantém suas características básicas quando nasce a revolução eletrônica, era do auge da televisão. O terceiro tipo de leitor é aquele que emerge nos novos espaços da virtualidade. Diferentemente dos outros tipos de leitores as características cognitivas deste, dada a sua novidade ainda foram pouco exploradas. Mas já se sabe que se trata de um leitor que navega através de dados informacionais híbridos - sonoros, visuais e textuais - que são próprios da hipermídia.

A autora ainda nos apresenta a seguinte problemática: ainda não há um consenso para o sentido da palavra ciberespaço. Mas a maioria dos autores concorda segundo Lucia Santaella que destaca:

“no seu sentido mais amplo ele se refere a um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em uma



relação simbólica que cresce exponencialmente graças a comunicação interativa. Trata-se, portanto de, de um espaço informacional, no qual dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de outros usuários. O ciberespaço inclui, portanto todas as modalidades de uso que as redes possibilitam, de modo que a RV é apenas a extensão última desse processo até o ponto de produzir um grau de imersão sensorial total no ambiente simulado. (SANTAELLA, 2004, p.45)

O Ciberespaço pode ser considerado então, um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Por fora, o corpo parece imóvel, mas, por dentro, uma orquestra inteira está tocando numa coordenação inconsútil, perceptivos, sensoriais e mentais.

Com tantas inovações, invenções certamente surge uma sociedade diferente: estruturada e amparada por esta nova noção de espaço que é redesenhado. Zygmunt Bauman é um dos autores a que Santaella muito se refere em seus textos e que colabora para compreensão das principais questões que implicam na mudança de comportamento e de estrutura da sociedade e a caracteriza como pós-moderna. O autor mostra como os espaços na sociedade contemporânea estão estruturados, o conceito comunidade hoje e a segurança como sinônimo de controle. Em geral, coloca a militarização dos espaços públicos e a indústria da segurança privada fazendo das ruas, praças e mesmo lojas lugares mais seguros, mas menos livres e tornando esses espaços em não civis, pois o controle e a segregação restringem o exercício da civilidade entre pessoas estranhas.

De acordo com o Bauman a modernidade era obcecada por tamanho e peso como medidas de valor em que o tempo era usado para conquistar e controlar mais espaços. Hoje, com a modernidade leve, o tempo tornou-se independente do espaço, e este último perdeu sua valoração, pois como se pode chegar a qualquer parte com o mesmo tempo, nenhuma parte é mais privilegiada.

A partir de um mundo de grande individualização que se vive, os relacionamentos passaram desconfiar do que é mutuo e duradouro. Para o autor, a geração contemporânea é desesperada por relacionar-se, no entanto, sentem-se desconfiados da condição de "estar ligado", em particular "permanentemente". A duração, não é a principal característica da modernidade leve, mas ao contrário, o instantâneo e a possibilidade de consumir quando necessário é um dos ditames do contemporâneo. De acordo com Bauman isto se reflete no relacionamento a partir de insegurança na relação duradoura. Por causa destes fatores, o autor destaca a internet como uma das principais válvulas de escape na busca de se unir o amor ao ritmo veloz e fluido de hoje. As redes



de relacionamento são exemplos claros da personalidade do indivíduo contemporâneo, que com um simples *click* pode mudar e consumir outros tipos de relacionamentos.

Considerações finais.

É curioso estudarmos o que alguns autores chamam de pós modernidade porque junto com ela observamos o avanço e crescimento dos aparatos de tecnologia ligadas aos meios e processos de comunicação, nosso objeto de trabalho. E não só isso, surgem novos conceitos, os antigos são readaptados. Não sei até onde de fato nós podemos nos estudar. Acredito que os estudantes de comunicação não apenas assistem a esta era, e sim se aproveitam dela: a estudam, são estudados, contribuem e ganham muito também. Diante das obras indicadas e lidas podemos perceber a importância do conhecimento teórico a respeito da era em que vivemos.

As obras que me orientaram neste artigo certamente são iniciais, não posso afirmar ter conhecimento total sobre Cultura das Mídias, Era digital ou Modernidade líquida, mas aos poucos estou me apropriando destes termos e tentando aplicá-los em meus estudos para um dia ajudar a engrossar o caldo das teorias da comunicação. Aproveito para ressaltar a importância desta disciplina que vem nos abrir os olhos para a realidade de extensão virtual em que vivemos. Repito que realizei este texto sem saber tudo, mas muito instigada a aprender mais com os autores que contribuem para nosso entendimento sobre a era em que vivemos seja ela digital, da comunicação, pós-moderna ou ainda todas elas.

REFERÊNCIAS

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes no pós-humano: da cultura das mídias a cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor emersivo*. São Paulo: Paulus, 2004

DUARTE, Fábio. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/cibercidades>>

LEMOS, André. *Do átomo ao bit: cultura em transformação*. São Paulo: Annablume, 2003